

Família
Missionária
Verbum Dei
Lisboa

«A Palavra de Deus
é viva e eficaz»
(Hb 4,12)



Orientação Oração Mensal

Secretariado Verbum Dei | Mai | 2009

Rua José Lins do Rego, 7, 1ºD | Tel. 217 950 957 | Fax: 217 963 529
Email: fmverbumdei@gmail.com | URL: www.verbumdei.org

“Jesus, sabendo perfeitamente(...) que saíra de Deus e para Deus voltava” “Vi o Senhor!”

(Jo 13, 3b; Jo 20, 18; Jo 15, 9)

O convite que tenho sentindo ao longo da Quaresma e que culminou na Páscoa é de ir ao essencial, aprofundar o que dá sentido à minha vida e não dispersar. Centrar-me na fonte. Jesus é capaz de nos introduzir nessa busca, no Caminho... A dinâmica do Amor que Jesus põe em prática na Sua vida, parte do que Ele viveu como essencial: a Sua relação com o Pai. Sabia que era Filho e que, como Filho, Deus não O abandonava mas O resgatava. S. João segue no relato descrevendo que Jesus se levantou, tirou o manto, tomou a toalha, colocou-a à cintura, verteu a água numa bacia e começou a lavar os pés aos que estavam com Ele. Tudo isto fez porque sabia! A causa deste gesto de Jesus é ter o Pai como base, como chão, como sentido... como Pai. Porque conhecia o essencial, quis repeti-lo diante dos discípulos; materializou, concretizou, substanciou com gestos a base, a essência da Sua vida. Por outras palavras em Jo.15, 9.12 “Assim como o Pai me tem Amor, assim eu vos amo a vós” (...) “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” Jesus diz-nos o mesmo: Deus amou-nos primeiro e o amor que podemos experimentar é dom e graça. Não se trata de uma ordem mas de uma experiência, do fruto de uma relação. Porque Jesus se sentia amado pelo Pai (total e integralmente, em absoluto), foi e é também capaz de amar cada um de nós, com a mesma intensidade e profundidade.

A diferença entre uma ordem, uma regra ou uma lei e uma experiência, neste caso filial, está no início da frase: começa com uma comparação e não com uma determinação. “Assim como” – é uma relação – é a experiência de ser FILHO.

Há características que podemos entender como básicas na qualidade de “Filho”, tais como não depender da vontade do filho nascer, já se nascer com uma “categoria” atribuída, com uma história, ou até o facto de todos sermos filhos de alguém ao passo que nem todos vamos algum dia ser pais, ou irmãos, ou tios... tudo isto é inerente ao conteúdo da palavra “filho”.

Acontece que uma das minhas grandes dificuldades é exactamente essa: ser só filho. Pode parecer absurdo mas tenho-me deparado recentemente com inúmeras situações que me ajudaram a perceber e a identificar esta questão e a aperceber-me que muitos partilham esta limitação e dificuldade comigo, no seu dia-a-dia, com os seus pais e não só.

Na verdade, muitas vezes deturpamos o nosso papel e assumimos papéis e vidas que não nos competem. Seja porque achamos que temos de ser pais e mães dos outros, e até dos nossos próprios pais, seja por necessidade de controlar as situações, o certo é que não agimos como “aquilo” que somos: filhos. E daí vêm os restantes problemas e conflitos. Claro que não temos resposta para tudo, nem solução, e que temos muitas dúvidas e incertezas, e que precisamos de ajuda e de quem cuide de nós. Não assumimos o nosso papel verdadeiro, a nossa vocação. O reflexo deste “pequeno, grande distúrbio” (permitam-me que o chame assim) aparece depois em tudo à nossa volta e em todas as nossas dimensões: nas nossas amizades, no nosso trabalho, na nossa família, mas também na minha relação comigo própria e com Deus.

Jesus faz-nos uma proposta concreta: receber para dar. Deus deu o primeiro passo (e segue dando todos os outros) amou-nos e, nós, pelo encontro com Aquele que me ama, podemos dar o que sozinhos não temos nem somos capazes de dar. É esse encontro que transforma a minha vida e me leva a poder amar de formas que penso impossíveis para mim.

Temos (ou eu, pelo menos, tenho) uma grande dificuldade neste campo: deixarmo-nos amar! Já dei por mim a pensar que isso seria um sinal de fraqueza: deixar o outro perceber que me faz falta, que preciso do seu amor, que me cativa. Só que, com essa atitude, perco a oportunidade de receber e consequentemente a de dar. Temos de alimentar o nosso amor, de praticar para que ele não desfaleça ou morra, mesmo. Temos de arriscar, de nos deixarmos desinstalar e abrir espaços. É tão difícil deixarmo-nos amar que até nisso competimos e queremos ser melhores e mais reconhecidos. “Eu gosto mais do que o outro...”, etc.

Como dinamismo que é, a proposta de Deus passa pela Família, gerada pelo Seu Amor. Para que cada um possa crescer e para que o Amor possa crescer é preciso um espaço e ambiente próprios, no qual Ele possa ser repartido, experimentado, partilhado. Não podemos concentrar tudo numa única pessoa, cada uma tem o seu papel numa relação com as demais. (Act. 6, 3-5)

No acto de repartir ou delegar, podemos encontrar duas atitudes que são garantias da sua essência: é preciso que alguém esteja disposto a (de)legar e que alguém esteja disposto a aceitar. Que quem delega confie e que quem aceita seja fiel.

Parece-me que nas se vive hoje nas famílias uma falta de estrutura, muito por causa da inversão dos papéis de cada um. Há uma falência de famílias, no verdadeiro sentido do termo. Cada um anda em busca do seu (individual) e poucos andam em busca do de todos (comum). Ainda assim, penso e sinto que a proposta e a resposta de Deus para o nosso mundo passa pela Família, à semelhança da Família de Jesus são, com certeza, as famílias, sementes para o Reino se tornar presente. Mas para isso é importante que cada um seja consciente da sua vocação, da sua identidade, das suas origens e da sua essência.

Porque não vivemos o que somos, provocamos e impedimos que os outros possam também eles viverem o que são. A facilidade com que se muda de opinião, por exemplo, é enorme, por isso, não admira que também se mudem os projectos e os compromissos com a mesma rapidez. “Se não me satisfaz ou não me preenche, tenho de procurar algo diferente” . . . de certeza que mais do que uma vez demos por nós a dizer ou, pelo menos, a pensar assim.

Há dias ouvia dizer que há duas formas de manter uma pessoa desinformada: a mais simples, que é não lhe passar informação nenhuma, e a outra que é passar-lhe toda a informação ao pormenor. É precisamente por isto que tantas vezes andamos enganados. Temos tanta informação e queremos chegar a tantos lados e fazer tantas coisas, que nos dispersamos e não fazemos nenhuma delas, ou fazemos e não tem qualquer efeito em nós porque no fundo não sabemos o que buscamos. Vivemos como ignorantes, iludidos com vidas aparentes e superficiais.

Por isso é preciso identificar: quem sou eu, qual a minha identidade, como vivo e como amo.

Quando for capaz de responder à pergunta “como amo?” também saberei como me sinto amada.

Uma das melhores formas de ajudarmos os outros e de os amarmos é comportarmo-nos como aquilo que somos – nem mais, nem menos – e não tentar substituí-los nos seus papéis. Só assim cada um vai poder experimentar livremente o seu papel, a sua vida, a sua vocação. (Jo 13, 17; Rom 4, 20-21) Uma Família, pode ser definida como um conjunto de pessoas unidas pelo mesmo sangue, pela mesma origem. Mas é um conjunto de diferentes membros em que cada um tem o seu lugar e é essencial para que cada um dos outros membros tenha também o seu. Não há tios sem sobrinhos, nem avós sem netos.

Encontramos uma síntese desta busca pelo essencial, da experiência de receber para dar e de ser Filho, em São Paulo. Ele fala exactamente da Sua experiência pessoal nesta busca pelo essencial, dos frutos da sua relação e do seu encontro. Em 1 Cor. 13, S. Paulo começa por falar das características da sua relação com Deus, do seu encontro pessoal com o Pai. Só há pouco tempo me apercebi do quão real são as palavras que escreveu e do quanto essas palavras são resultado da vida de um homem concreto. Paulo fala do que conhece (de nada lhe servia a inteligência, o saber, o

poder, a posição social) tudo o que tinha vivido antes da experiência de Damasco. Aí, sim, encontrou o sentido da sua vida.

O essencial, o sentido da minha vida é amar (da minha e da de todos – este foi um ponto chave para a descoberta do sentido da minha vida, o seu carácter universal, Deus é Pai para todos e dá a vida a todos), tal como o desejo mais profundo da vida de cada um é ser feliz, o que eu traduzo por sentir-se amado (e não só “ser” amado) e amar (ser capaz de se entregar total e integralmente ao outro).

Em Direito costuma-se dizer que, quando não se encontra uma solução para um caso concreto, basta ir ao princípio do Código porque normalmente aí está a resposta. Ora, no início de cada Código estão os princípios, os fundamentos, as bases e normas gerais. Ninguém lhes dá importância mas são a resposta para todas as situações pois concentram em si aquilo que, mais adiante, cada artigo ou norma tenta concretizar.

Ora, a descrição das experiências de S. Paulo, à luz da experiência de Jesus, tem de me levar a descrever a minha própria relação filial com Deus, a minha experiência pessoal da minha vocação, do meu essencial, do princípio da minha história. Certamente que todos nós somos capazes de identificar momentos em que experimentamos a paciência de Deus perante a teimosia ou impertinência da nossa parte, ou em que experimentamos a protecção de Deus perante as injustiças que sofremos, ou a confiança Dele mesmo quando não confiamos em nós próprios. . . . é disso que nos fala Paulo. Há um convite a todos nós no hino que S. Paulo nos deixou: escrevermos o nosso próprio hino ao amor com que somos amados. A traduzir por palavras a nossa experiência de filhos de Deus, os frutos da minha relação com o Pai, o que é para mim ser filho de Deus, o que é que essa qualidade muda e transforma a minha vida.

Eu sou capaz de identificar em algumas situações da minha vida o Amor com que sou e me sinto amada: é criativo (tem sempre forma de me fazer sorrir mesmo quando a situação não é agradável), é delicado (nunca é brusco ou incorrecto, evita que faça “figuras tristes”), é profundo (questiona-me, ajuda-me a ir à raiz do que vivo), é sensível (comove-se comigo), é reconfortante (como um raio de Sol ou um arco-íris num dia cheio de stress), é atento (antes de eu notar que preciso de ajuda ou que estou cansada, já está alguém para dividir comigo), é alegre e festivo, é pacífico, é pedagógico (apresenta-me as alternativas e ajuda-me a discernir)e podia continuar, e continuar . . . todos os momentos da minha vida são momentos de encontro com Deus e oportunidades para experimentar o Seu amor.

È também por isso que ainda hoje, pela fé e pela graça de Deus, nós somos capazes de afirmar que “Ele está vivo”, que ressuscitou, que venceu a morte. Só é possível manter uma relação com Aquele que vive e só quem vive em nós pode transformar a nossa vida. (Jo. 20, 18).